

# VAZIO EXISTENCIAL E O CONSUMISMO NA CONTEMPORANEIDADE

## EMPTY EXISTENTIAL IS CONSUMERISM IN CONTEMPORARY

Seiny Vital Batista

*Centro Universitário da Grande Dourados – UNIGRAN*

Bruna Paes de Barros

*Centro Universitário da Grande Dourados – UNIGRAN*

**Resumo.** Serão discutidos e conceituados nesta revisão a relação entre o consumismo e o vazio existencial. Por meio da abordagem Logoterapêutica de Viktor Frankl, tem como objetivo contribuir com a ciência psicológica e compreender teoricamente a relação entre a sociedade do consumo e a problemática do vazio existencial. Através da pesquisa realizada em sites científicos, utilizou-se periódicos com ano de publicação de 2009 a 2014 e livros clássicos de autores como Frankl e Bauman, no qual, pode-se entender que o indivíduo encontra-se em um ciclo paradoxal, alternando-se entre a sensação de vazio que gera e/ou é gerado o consumo, e a busca do consumo para preencher este vazio. Sendo clara a relação entre a cultura do consumo e o vazio existencial.

**Palavras-chave:** logoterapia; vazio existencial; contemporaneidade; consumo e consumismo.

**Abstract.** Will be discussed and conceived this review the relationship between consumerism and the existential emptiness. Through the Logotherapeutical approach of Viktor Frankl, aims to contribute to the psychological science and understand theoretically the relationship between the society of consumption and the problem of existential emptiness. Through the research conducted in sites of scientific search were used periodicals with the year of publication of 2009 to 2014 and classic books from authors such as Frankl and Bauman, in which, it may be understood that the individual is in a paradoxical cycle alternating between the feeling of emptiness that generates and/or is generated the consumption, and the search for the consumption to fill this void. It is clear relationship between the culture of consumption and the existential emptiness.

**Keywords:** logotherapy; existential emptiness; contemporaneity; consumption and consumerism.

## INTRODUÇÃO

**N**a contemporaneidade o crescente ato de adquirir produtos e descartá-los indica que houve uma modificação na relação entre o homem e o consumo. A sociedade está modificando o homem quanto estrutura existencial, gerando sintomas como angústia, depressão, estresse e ausência de sentido, de modo que alguns teóricos investigam a relação do consumismo com o vazio existencial.

Sentimento de vazio e a falta de sentido são experiências que muitas pessoas chamam de vazio interior, no qual Frankl (2011) denomina de vazio existencial. Serão discutidos ao longo desta revisão o vazio existencial de acordo com Viktor Emil Frankl e o conceito de consumismo, além da relação entre o homem contemporâneo ter o prazer de consumo como meta e as implicações deste ato exagerado no âmbito de experiências que carecem em um sentido existencial.

Por meio da abordagem Logoterapêutica e Análise Existencial de Viktor Frankl, contribuir com a ciência psicológica e compreender teoricamente a relação entre a sociedade do consumo e a problemática do vazio existencial são os objetivos desta.

## VAZIO EXISTENCIAL E CONSUMISMO NA CONTEMPORANEIDADE

### O QUE É O VAZIO EXISTENCIAL?

Inicialmente, é necessário que antes de abordar a falta de sentido ou o vazio existencial

esclareça a vontade de sentido. A motivação primária na vida do ser humano não são seus impulsos instintivos, mas é a busca por um sentido. Este sentido pode ser definido exclusivamente pela própria pessoa, sendo este sentido dinâmico, mutável, pois difere de pessoa para pessoa e de um dia para outro. Assim, o importante é um sentido específico que tem-se em determinado momento da vida, ao invés de um sentido da vida de modo geral (Frankl, 2008).

Segundo Frankl (2008), uma pessoa é única, singular e insubstituível, não podendo alguém repetir sua vida. Diante disso, cada um tem sua própria vocação, sua missão particular que precisa ser concretizada e realizada somente por este indivíduo. Sendo assim, a vida indaga constantemente o ser humano sobre o sentido de sua existência, no qual este poderá responder apenas doando-se a vida, ou seja, responder de modo responsável, onde seja capaz de encontrar em si o que doar a vida.

Quando a vontade de sentido é frustrada ou quando o indivíduo deixa de decidir por si mesmo o que escolher, assujeitando-se a outros, de forma a assumir o sentido de vida de outras pessoas, este sujeito então depara-se com a frustração existencial. Partindo do princípio em que esse indivíduo se encontra sem sentido, pode-se observar que tal frustração pode levá-lo ao vazio existencial, que consiste na ausência de sentido da vida (Frankl, 2008).

O vazio existencial origina-se primeiramente devido o homem, ao contrário dos animais, não possuir nenhum instinto ou pulsão que o oriente sobre o que ele deve fazer. Além disso, atualmente não existem valores e nem

tradições que orientam o homem a respeito do que deve ser feito, na maioria das vezes ele nem sabe o que deseja fazer. Assim, ele acaba se tornando vítima do conformismo, ou do totalitarismo, no caso do oriente. Passa a querer fazer o que os outros fazem, ou termina fazendo o que os outros querem, esquecendo-se da sua singularidade (Frankl, 2011).

Frankl (2011) direciona a pensar em como lidar com o vazio existencial em termos terapêuticos. Mas será que este trata-se de uma doença? Na verdade, sob o olhar patológico no plano psicológico tem-se uma visão equivocada, pois o vazio existencial é um fenômeno na dimensão noológica. Assim, este não constitui uma neurose, e se for considerado será como uma neurose sociogênica ou ainda uma neurose iatrogênica, “isto é, uma neurose causada pelo psicoterapeuta que pretende cura-lá” (Frankl, 2011, p.111).

Contudo, apesar do vazio existencial não ser uma neurose, este pode ser a origem de uma. Assim, a falta de sentido resultaria em uma neurose noogênica, sendo esta “aquela que é causada por um conflito em nível espiritual – um conflito ético ou moral, como, por exemplo, o choque entre o mero superego e a autêntica consciência” (Frankl, 2011, p.112). Portanto, o vazio existencial, a falta de sentido ou a frustração da vontade de sentido é de etiologia noogênica.

## DEFININDO O CONSUMISMO

O tema consumo trata-se de um tema abrangente. A etiologia da palavra consumo vem do latim *consumere* que significa esgotar, gastar,

desperdiçar ou até mesmo destruir. Ao recorrer ao dicionário de língua portuguesa a palavra *consumo* tem por significado “ato ou efeito de consumir, de gastar. Uso de mercadorias e serviços para satisfação de necessidades e desejos humanos” (Ferreira, 2008, p. 191), e ainda, *consumismo* significa “consumo exagerado de bens” (Ferreira, 2008, p. 191).

O ato de consumir implica também em absorção de recursos, como a absorção de alimento, para a preservação da saúde do organismo, garantindo a existência do indivíduo (Bittencourt, 2011). Assim, o consumo trata-se da utilização, por um indivíduo ou grupo, de algo que é oferecido pelo ambiente (Merengué, 2012). Ainda para Fromm (1989) o consumo é uma necessidade vital do homem, no qual o ato de consumir torna-se um problema apenas quando ocorre o consumismo exagerado de bens materiais.

Entretanto, para falar-se em sociedade consumista é preciso entender as mudanças ocorridas e experimentadas pela sociedade contemporânea. Houve uma mudança na ordem social, no qual os princípios tradicionais foram esquecidos, havendo uma alteração dos anseios e desejos. Prezava-se a segurança, a certeza e a regularidade, e em um momento posterior, na contemporaneidade, prevaleceu a instabilidade, insegurança e consumo (Bauman, 2008).

Bauman (2008) destaca dois tipos de sociedade, a sociedade de produtores e a sociedade de consumidores. O consumo de mercadorias duráveis e resistentes no tempo aludia algo seguro e confortável. Dessa maneira, a sociedade de produtores direcionava-se para a

segurança e estabilidade. O prazer investido em consumir era de longo prazo e, além disso, remetia-se a um status de posse, de poder, pois o grande volume de bens sugeria uma proteção da ocorrência de experiências futuras desagradáveis. Assim, a satisfação do desejo de consumir não era o aproveitamento imediato de prazeres, mas a segurança por um longo período de tempo. Na sociedade contemporânea ou sociedade de consumidores, como indica Bauman (2008), o prazer está associado a intensidade de desejos sempre crescentes, as mercadorias são descartadas e o durável é ignorado. O homem assume então, aspectos líquidos e a busca por prazer imediato, em uma tentativa de garantir posição social e autoestima.

Assim, essa condição consumista substitui o consumo natural, tratando-se de uma incontrolável busca por experiências de satisfações imediatas, sendo estimulados pelo apelo da mídia que exprimem o controle de um sistema capitalista, em que o indivíduo irá ascender economicamente, conquistando a posição social desejada apenas se entregar-se ao consumo desenfreado (Bittencourt, 2011).

Dessa forma, o consumismo encontra-se vinculado ao processo econômico e cultural, não implicando apenas no suprimento das necessidades básicas, mas na criação das necessidades, desejos e sedução do indivíduo com inúmeros produtos. Portanto, o consumismo pode ser entendido como a ação de comprar bens materiais ou produtos irrelevantes, por manipulação de influências externas que induz a acreditar que o ato de adquirir determinados produtos irá gerar bem-estar (Bittencourt, 2011).

## O VAZIO EXISTENCIAL E O CONSUMISMO

O mundo atualmente está passando por diversas mudanças, no qual estas afetam tanto fisicamente como psicologicamente o homem, gerando vítimas de alienação neste processo de globalização. A sociedade tecnológica está a caminho de satisfazer todas as necessidades do homem, de modo a induzir ao consumismo, cria primeiramente as necessidades para num momento posterior satisfazê-las, porém existe uma necessidade que desta forma não há como ser suprida, a vontade de sentido, sendo esta a mais humana e na qual, continuamente permanece frustrada (Frankl, 2012).

Na atualidade, o consumismo tem seu valor cultural, sendo que o indivíduo que não consegue se adequar no padrão de consumo pré-estabelecido pela sociedade, se torna excluído do meio denominado “bem-sucedido socialmente”. Esse padrão caracteriza-se pela inclinação de adquirir de forma não reflexiva os bens materiais oferecidos pelo sistema mercadológico influenciado pela massa social, sendo esta, orientada por uma ideologia consumista baseada em uma ideia ilusória de felicidade material, possuínte de um discurso publicitário que estimula a aquisição contínua de produtos como uma obrigação moral, de forma que somente os que consomem grandes marcas obterão poder social (Bittencourt, 2011).

A partir das transformações sociais ocorridas, o mundo contemporâneo trouxe alguns impasses para o indivíduo que faz parte da realidade consumista, onde o homem é imerso

em uma espécie de vício, em que o consumo compulsivo busca em uma tentativa falha, compensar existencialmente uma felicidade em seu trabalho e relacionamentos afetivos (Bittencourt, 2011).

Quanto aos relacionamentos afetivos Bauman (2004), diz que o homem está ligado a propagandas direcionadas ao consumo a todo o momento, seduzindo e prometendo mercadorias fáceis. Acostumados com esse tipo de vida, as pessoas passam a buscar cada vez mais relacionamentos frouxos. Bauman (2004) expõe a insegurança desses tempos modernos, no qual, passam rapidamente a conceber e descartar os relacionamentos em que fazem parte, desvalorizando totalmente os vínculos criados, as emoções, os sentimentos e as trocas que estabeleceram, não experimentando na sua essência afeto pela outra pessoa. Isso ocorre, devido o indivíduo estar inserido em uma sociedade, que há o prevalemento do apelo da mídia, através de um controle industrial, impondo um pensamento consumista. Assim, as pessoas passam a ver os relacionamentos conforme essa ideologia de consumo (Bauman, 2004).

Além das modificações ocorridas no âmbito dos relacionamentos, uma outra consequência dos efeitos desse sistema contemporâneo é o aspecto individualista do homem (Santos, 2012). Prevalendo a competitividade e a superioridade, de modo que suas escolhas e aspirações não estão mais vinculados a outro indivíduo, não havendo limites na busca de sua satisfação individual, já que se está sozinho, dificultando assim, a

possibilidade de interação e vivência enquanto grupo (Silva, 2011).

Na contemporaneidade, a individualidade faz-se mais importante do que os vínculos criados, desta forma, relações criadas no passado são dificilmente mantidas, como indicado por Bauman (2004) anteriormente, assim o amor, casamento, família, sexualidade e trabalho adquirem um maior valor social quando são concebidos no aspecto individual (Santos, 2012).

Esse modo de se relacionar socialmente, além de dificultar a interação com o outro, ainda passa a desconsiderar a realidade em que está inserido, no qual, segundo Bittencourt (2009), este modo de entender o cotidiano trata-se do modo Ter. Partindo do pensamento de Fromm (1987), pode-se considerar duas formas, o Ser e o Ter. O modo Ser compreende a singularidade de cada indivíduo, suas diferenças e respeitabilidade. Para Fromm (2000, p. 35) o Ser trata – se de que “se eu amo o outro, sinto-me um só com ele, mas com ele como ele é, e não na medida em que preciso dele como objeto para meu uso”. Essa definição relaciona-se com o que Frankl (2008) traz, sendo que um dos modos de realizar um sentido é por meio do ato coexistencial, ou seja, possuir uma relação autêntica com o ser amado.

Quando o indivíduo é declarado ser humano, conseqüentemente ele é um ser responsável, carecendo de um sentido para sua vida. Esse sentido, não é encontrado na própria pessoa, mas em algo ou alguém do mundo, sendo que Frankl (2008, p. 135) chama de “autotranscendência da existência humana”. Essa autotranscendência aponta que o ser humano

dirige-se a algo ou alguém diferente de si, no qual quanto mais a pessoa afastar-se de si e dedicar-se e amar o outro, mais humana ela será e, como resultado disso, mais realizado. Assim, Frankl diz que a autorrealização só será possível como um efeito da autotranscendência.

A disposição Ter trata-se da aquisição de materiais buscando consumi-los para então trocá-los por outros materiais mais atrativos. Essa dinâmica individualista baseia-se de modo que as relações pessoais estabelecidas são avaliadas segundo o que o outro possui e não a partir das singularidades do outro. Já na esfera do sistema mercadológico, o consumo passa a satisfazer minimamente o desejo mascarado de adquirir um objeto. Assim o consumo que era para ser meio de uma satisfação pessoal, torna-se fim (Bittencout, 2009).

Segundo Frankl, (2011) uma frustração da vontade de sentido muitas vezes pode ter como consequência o vazio existencial, sendo que este pode manifestar-se como vontade de prazer ou vontade de poder, substituindo a vontade de sentido. Um exemplo de quando isso ocorre, é quando a busca por dinheiro passa a ser a maior preocupação, fazendo com que o dinheiro que era para ser meio, tornar-se fim. Já esta última, a vontade de prazer, muitas vezes é o reflexo de um relacionamento de curta duração, que é tão frequente e comum na atualidade, como foi apontado anteriormente. Diante disso, o consumo tornou-se exagerado, deixando de ser o consumo natural e transformando-se em consumismo, que para Fromm (1987), decorre do vazio existencial, tratando-se de uma fuga, uma válvula de escape.

Para Frankl (1989), o homem apenas completa ele mesmo quando esquece de si mesmo, ou seja, quando dedica-se ao outro ou a uma causa. A vontade de sentido é direcionada a uma realização que promova felicidade, na qual, esta não está em si mesmo, mas no mundo, assim a felicidade é um efeito colateral do ato de realizar algo que traga prazer. No entanto, neste período de mecanização crescente, o sujeito existencialmente frustrado, não consegue realizar-se de modo a satisfazer-se (Frankl, 2011).

O vazio existencial pode tanto tornar-se manifesto como permanecer latente e mascarado. Existem diversas máscaras em que por detrás delas está o vazio existencial. Considerando a velocidade acelerada da vida hoje, este ritmo demonstra-se como uma falsa tentativa de curar-se da frustração existencial, ou seja, quanto menos se sabe de sua meta de vida, mais busca-se acelerar este ritmo (Frankl, 2012).

Uma vez que houve uma reorganização de regras e valores na sociedade atual, muitos destes se tornaram inúteis e foram descartados, assim a sociedade carece de uma orientação entre o certo e o errado. Já não havendo mais tradições que oriente a sociedade, há um surgimento de excessivas possibilidades. Atualmente sexo, drogas e dinheiro são características de nossa sociedade que se orienta somente para o consumo, fazendo com que o indivíduo imerso nela aliena-se e acredite na falsa liberdade de que possui poder e prestígio, em vez de tédio existencial (Santos, 2012).

E é neste tédio existencial, no qual o indivíduo se depara no seu tempo ocioso, que é obrigado a enfrentar sua falta de sentido de vida.

Quando o indivíduo irrompe a funcionalidade dos dias da semana, por exemplo, a “neurose de domingo”, como Frankl (2012, p. 121) traz, ele passa a conscientizar-se da sua suposta falta de sentido, por não saber sobre o sentido concreto de sua vida. Este momento cheio de angústia e doloroso, leva-o a protelar esse processo, recorrendo às futilidades momentâneas que a modernidade oferece, como o ato do consumismo exagerado. Sendo, lastimável que o homem não saiba o que fazer com este tempo livre e adicional, como Frankl (2008) traz.

### O VAZIO EXISTENCIAL SOB PRÁTICA PSICOTERAPÊUTICA

Apesar do consumismo exagerado apresenta aspectos negativos, podendo evidenciar o vazio existencial, existem alternativas saudáveis que auxiliam no processo de lidar com este mal. No qual, a Logoterapia, enquanto psicoterapia, oferece meios para curar o vazio existencial e encontrar o sentido da vida.

A Logoterapia vem do termo logos, uma palavra grega que tem por significado sentido, (Frankl, 2008) e também é conhecida como Psicoterapia do Sentido da Vida ou ainda como a Terceira Escola Vienense de Psicoterapia, sendo de caráter existencial – humanista (Moreira & Holanda, 2010). Segundo Moreira e Holanda (2010), em muitos escritos de Viktor Frankl a Logoterapia não vem substituir a psicoterapia, mas complementá-la.

Partindo de uma tradução simplificada a Logoterapia é a cura por meio do sentido (Frankl, 2011). Centra-se no sentido da existência

humana, na qual, o buscar por um sentido é a força motivadora do indivíduo. A Logoterapia busca conscientizar o indivíduo do sentido oculto da sua existência, por meio das realidades existências, tal como o sentido potencial de sua vida que precisa ser realizado (Frankl, 2008).

A visão de homem desenvolvida por Frankl, não se limita somente aos aspectos físicos e psíquicos, para a Logoterapia o homem é entendido como um ser tridimensional: A dimensão física que abrange a fisiologia e os fenômenos corporais; a dimensão psíquica que engloba os instintos, condicionamentos e cognições; e a dimensão noética abrangendo tudo o que diferencia o homem dos animais, ou seja, valores, criatividade, liberdade, responsabilidade, consciência moral, etc (Frankl, 1989).

A Logoterapia é indicada em certos casos e contraindicada em outros (Frankl, 2011). A partir da necessidade do paciente é que se indicará a Logoterapia. Se tratar-se de uma neurose noogênica, ou seja, de nível existencial, como já apresentado anteriormente, é recomendável a Logoterapia. E no tratamento das neuroses psicogênicas, a Logoterapia não é uma oposição a psicoterapia, mas uma escola entre as outras psicoterapias (Kroeff, 2011). No entanto, segundo Frankl (2011), na terapia não são as técnicas que tem mais importância, mas a forma de relação humana que estabelece entre o terapeuta e o paciente, sendo necessário que seja um encontro pessoal e existencial.

A Logoterapia compreende o homem como um ser dotado de liberdade, resultando em um ser responsável, capaz de decidir frente suas possibilidades. No entanto, essa liberdade é

limitada na medida em que o homem encontra-se em situações que não escolheu, porém, é livre para posicionar-se diante destas situações (Frankl, 1989). Cabendo ao logoterapeuta, criar no paciente consciência da sua própria responsabilidade em situar-se frente essas situações (Frankl, 2008). Pois, o ser humano é livre para algo e não de algo.

Frankl (2008) afirma que o ser humano é autodeterminante, pois frente aos condicionamentos é ele quem decide se resistirá ou não a estes condicionamentos. Segundo o artigo intitulado “A visão de homem em Frankl” (Souza & Gomes, 2012), o homem trata-se de um ser único, singular e responsável, portando capacidade para posicionar-se diante dos limites e condicionamentos da vida, devido possuir a dimensão espiritual comportando as dimensões físicas, sociológicas e psicológicas. Sendo assim, a Logoterapia está fundamentada na re-humanização do ser humano. Além disso, a Logoterapia entende que o homem possui uma autocompreensão ontológica pré-reflexiva, ou seja, uma orientação para o sentido, já que vivenciam várias situações que requerem respostas na forma de atitudes repletas de sentido (Frankl, 2003).

Buscar por um sentido ou estar em crise existencial por questionar-se a respeito da existência de um sentido para a vida, como já foi explanado, não se trata de uma patologia ou um sintoma neurótico. Não deve sentir-se constrangido por portar esse desespero existencial, mas aceita-lo, pois este é um fenômeno característico do ser humano. E acima de tudo é uma maneira de demonstrar-se de

forma sincera intelectualmente. Frankl (2011), acredita que cabem principalmente aos mais jovens, não aceitarem uma ideia de sentido de forma não reflexiva. É necessário que com toda energia que estes possuem, posicionem-se de forma crítica, reflexiva e questionem-se sobre a existência de um sentido para a vida. Assim, se ele aceita essa jornada de buscar por um sentido é necessário que tenha paciência, para saber entender quando de fato o sentido está vindo sobre ele. Visto que no estudo desenvolvido por Aquino, Silva, Figueirêdo, Dourado e Farias (2011), intitulado “Avaliação de uma proposta de prevenção do vazio existencial com adolescentes” entende-se que a reflexão acerca de si mesmo e das questões existenciais, contribuem para o adolescente lidar com esse processo do vácuo existencial.

O sentido da vida nunca deixa de existir e como foi citado neste estudo, ele modifica-se. E de acordo com a Logoterapia, pode-se descobrir o sentido da vida por meio de diferentes formas. Frankl (2008) indica três: “criando ou trabalhando ou praticando um ato; experimentando algo ou encontrando alguém; e pela atitude que tomamos em relação ao sofrimento inevitável”.

Frankl (2008) diz que a segunda e terceira requer uma elaboração melhor, e enfatiza a segunda alternativa dizendo que esse experimentar algo é provar da bondade, verdade, da natureza ou ainda de outro ser humano, ou seja, amando-o em sua singularidade.

Assim, o homem necessita de um tempo para a contemplação e meditação acerca de sua condição humana e precisa de coragem para estar

só, e enfrentar e aceitar suas questões existências como propõe Frankl (2011).

Por fim, Frankl (2011) acredita que o vazio existencial é um paradoxo. Pois se o homem voltasse para si mesmo, notaria que é dotado de liberdade, porém não possui devida responsabilidade para enxergar a vastidão de sentido que a vida oferece. Além do mais, deveria voltar-se para a singularidade e unicidade do ser humano, e focar-se na humanidade que o homem possui.

## MATERIAIS E MÉTODOS

### TIPO DE ESTUDO

O presente estudo trata de uma revisão bibliográfica com base no levantamento de artigos científicos com ano de publicação entre 2009 a 2014, sendo que os demais materiais como livros e teses de autores clássicos, como por exemplo Viktor Frankl, antecedem esta data. Além disso, a revisão de literatura foi realizada a partir de fontes disponíveis de pesquisas brasileiras na língua portuguesa, em sites com filtro de busca genéricos científicos, como o BVS-Psi (SciELO, PePSI, LILACS), a biblioteca da UNIGRAN e periódicos da UEM e UEPB entre o período de outubro de 2013 a novembro de 2014, com as palavras chaves Logoterapia, vazio existencial, contemporaneidade, consumo e consumismo.

### RESULTADOS E DISCUSSÃO

Foram encontrados com a palavra-chave Logoterapia 7 periódicos no SciELO, sendo

utilizados apenas dois nesta revisão. Nove no PePSI, utilizado apenas 1 e 443 no LILACS, sendo que um periódico corresponde ao periódico utilizado no site SciELO. Com a palavra-chave Vazio existencial foram encontrados 9 periódicos no SciELO, no qual um periódico corresponde ao mesmo periódico utilizado na busca com a palavra-chave Logoterapia, 4 no PePSI, mas nenhum foi utilizado e 15 no LILACS, sendo que um desses 15 periódicos corresponde ao mesmo periódico utilizado na busca com a palavra-chave Logoterapia no SciELO. Com as palavras chaves consumismo, consumo e contemporaneidade, foram encontrados periódicos em revistas acadêmicas da UEM e UEPB. Na biblioteca da UNIGRAN, foi realizada a busca com a palavra-chave Logoterapia, tendo como resultado 7 livros e 2 artigos, sendo utilizado apenas um livro do autor Viktor Frankl, e nenhum artigo foi utilizado. Todos os periódicos e livros não utilizados não condizem com o tema do presente artigo, além de alguns artigos se encontrarem na língua inglesa e espanhol.

Por meio dos resultados das buscas realizadas por periódicos e livros pode-se entender que o consumo é a utilização de algo oferecido pelo ambiente (Merengué, 2012), no qual, Fromm (1989) aponta o consumo como uma necessidade vital. Entretanto, Bittencourt (2011) diz que essa condição natural passa para uma condição consumista quando o consumo é incontrolável, buscando por satisfação imediata.

Partindo do princípio que houve uma mudança nos valores da sociedade ocidental e uma reorganização no modo de vida (Frankl,

2011), o ser humano orientou-se por meio do consumo desenfreado, adotando comportamentos que prezam a individualidade e concebem as relações como um sistema de trocas, como diz Bauman (2004). Frankl (2011) e Bauman (2004) mencionam o quanto as mudanças sociais têm direcionado o ser humano para a frustração existencial. Esta frustração ocorre quando o indivíduo encontra-se sem sentido, resultando então no vazio existencial. O vazio existencial não é uma neurose como já foi apontado na revisão teórica, no entanto pode ser a causa de uma, além de originar fenômenos tão comuns em nossa sociedade atual como a depressão, agressão, vícios, que não devem ser entendidos sem considerar o vazio existencial. Além de não serem poucos os casos de suicídios relacionados ao vazio existencial segundo Frankl (2008).

Os fenômenos já citados como resultado do vazio existencial, podem gerar mais frustração existencial, privando o indivíduo de um sentido, levando-o ao consumo exagerado novamente, em uma tentativa falha de preenchimento deste vazio. Recorrendo a Bittencourt (2011), o indivíduo busca consumir na espera de uma felicidade, que na verdade está existencialmente frustrada. Nota-se então, que a partir daí o indivíduo encontra-se em um ciclo paradoxal alternando-se entre a sensação de vazio que gera e/ou é gerado o consumo, e a busca do consumo para preencher este vazio. Com base na teoria de Frankl, fica mais que evidente que este ciclo pode gerar consequências negativas na estruturação do

sentido da vida, confirmando a existência de uma relação entre a cultura do consumo e o vazio existencial.

Como já foi apontado neste estudo, o indivíduo que encontra-se neste ciclo, permeado entre o vazio e o consumo, devido a relação entre o vazio existencial e a sociedade contemporânea consumista, pode recorrer a Logoterapia como ajuda para este processo, pois ela pode possibilitar ao indivíduo que vivencia esta realidade, a conscientizar-se de sua existência, resultando na responsabilidade de assumir sua liberdade e decidir frente essa situação. Provocando a reflexão para que este possa encontrar o sentido potencial de sua vida e oferecendo ferramentas necessárias para o enfrentamento.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após o levantamento dos dados conceituais, ficou clara a relação entre a cultura do consumo e o vazio existencial. Pode-se observar por meio dessa pesquisa, que o indivíduo a partir do consumo exagerado para obter o prazer e a felicidade, não tem êxito neste comportamento, e obtém como fruto desta situação o vazio existencial novamente.

Faz-se necessário mais estudos e pesquisas acerca do tema para aprofundar-se e investigar a dimensão e intensidade das consequências resultantes a partir dessa relação, sobretudo em novas possibilidades para o enfrentamento e conscientização deste mecanismo alienante causador de sofrimento.

## REFERÊNCIAS

- Aquino, T. A. A., Silva, J. P., Figueirêdo, A. T. B., Dourado, E. T. S., & Farias, E. C. S. (2011). Avaliação de uma proposta de prevenção do vazio existencial com adolescentes. *Revista Psicologia: Ciência e Profissão*, (1), 146-159. doi: 10.1590/S1414-98932011000100013.
- Bauman, Z. (2004). *Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Bauman, Z. (2008). *Vida para consumo: a transformação das pessoas em mercadorias*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Bittencourt, R. N. (2009). A fragilidade das relações humanas na pós-modernidade. *Revista Espaço Acadêmico*, (100), 62-69. Acesso em <http://eduem.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/viewFile/7606/4568>.
- Bittencourt, R. N. (2011). Os dispositivos existenciais do consumismo. *Revista Espaço Acadêmico*, (118), 103-113. Acesso em <http://www.periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/viewFile/10182/6708>.
- Ferreira, A. B. H. (2008). *Minidicionário da língua portuguesa* (7a. ed.). Curitiba: Editora Positivo.
- Frankl, V. E. (1989). *Psicoterapia e sentido da vida*. São Paulo: Quadrante.
- Frankl, V. E. (2003). *A presença ignorada de Deus*. Petrópolis: Vozes.
- Frankl, V. E. (2008). *Em busca de sentido* (32a. ed). Petrópolis: Vozes.
- Frankl, V. E. (2011). *A vontade de sentido: fundamentos e aplicações da Logoterapia* (2a. ed.). São Paulo: Paulus.
- Frankl, V. E. (2012). *Logoterapia e Análise Existencial*. Rio de Janeiro: Forense Universitária.
- Fromm, E. (1989). *Ter ou Ser?*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Fromm, E. (2000). *A Arte de Amar*. São Paulo: Martins Fontes.
- Kroeff, P. (2011). Logoterapia: uma visão da psicoterapia. *Revista da Abordagem Gestáltica*, (1), 68-74. Acesso em <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rag/v17n1/v17n1a10.pdf>.
- Merengué, D. (2012). [Editorial]. *Revista Brasileira de Psicodrama*, 20(1), 7-8.
- Moreira, N., & Holanda, A. (2010). Logoterapia e o sentido do sofrimento: convergências nas dimensões espiritual e religiosa. *Revista Psico-USF*, (3), 345-356. doi: 10.1590/S1413-82712010000300008.
- Santos, R. C. C. (2012). *Do vaciuus ao logos: A Logoterapia em resposta ao vazio da sociedade contemporânea* (Trabalho de Conclusão de Curso, Universidade Estadual da Paraíba, Paraíba). Acesso em <http://dspace.bc.uepb.edu.br:8080/jspui/bitstream/123456789/352/1/PDF%20-%20Ranielly%20Cristina%20Silva%20Santos.pdf>.
- Silva, L. B. (2011). *Sobre consumo e consumismo: a consumação do vazio, o ter, a Logoterapia e o ser* (Trabalho Monográfico, Universidade Estadual da Paraíba, Paraíba). Acesso em <http://dspace.bc.uepb.edu.br:8080/xmlui/bitstream/handle/123456789/291/PDF%20-%20Lorena%20Bandeira%20da%20Silva.pdf?sequence=1>.
- Souza, E. A., & Gomes, E. S. (2012). A visão de homem em Frankl. *Revista Logos & Existência*, 1(1), 50-57.

Enviado em: 04/08/2015

Aceito em: 01/12/2015

## SOBRE OS AUTORES

**Seiny Vital Batista.** Possui graduação em Psicologia pelo Centro Universitário da Grande Dourados.

**Bruna Paes de Barros.** Possui graduação em Psicologia pela Universidade de Mogi das Cruzes (2000), especialização em Psicologia da Saúde pela Universidade Estadual Paulista (2003), além de mestrado, doutorado e pós-doutorado em Ciências da Saúde (Nefrologia) pela Universidade Federal de São Paulo/ Escola Paulista de Medicina.